

# A filosofia do primeiro romantismo alemão: a questão do fragmento

La filosofía del primero romanticismo alemán:  
la cuestión del fragmento

The Philosophy of the first German romanticism:  
the question of the fragment

Recebido em 03-06-2016  
Aceito para publicação em 25-01-2018

Cláudia Franco Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** O primeiro romantismo alemão rompe com o racionalismo exacerbado, cultivado pela história da filosofia – a partir da filosofia platônica, a razão passa a ser cada vez mais valorizada –, e mostra que a filosofia é sempre um exercício de pensamento, um laboratório de experimentação. A partir desse movimento, o homem se encontrará mergulhado em incertezas e amparado apenas por fragmentos filosóficos. Ao fazer filosofia através de fragmentos, os primeiros românticos alemães estão apontando para este importante fato ontológico: enquanto sujeitos de um discurso, somos movimento, somos fragmentários, descontínuos e não lineares. Há um claro diálogo com a filosofia racional iluminista, mas para além deste ponto, o primeiro romantismo alemão vai significar um marco importante na história da filosofia ocidental com desdobramento nas mais diversas áreas.

**Palavras-chave:** Romantismo; Fragmento; Filosofia.

**Resumen:** Las primeras rupturas romanticismo alemán con el racionalismo exagerado, cultivada por la historia de la filosofía – a partir de la filosofía platónica la razón se vuelve cada vez más valorado –, y demuestra que la filosofía es siempre un ejercicio de pensamiento, un laboratorio de pruebas. A partir de este movimiento, el hombre se encontrará inmerso en la incertidumbre y compatibles sólo con fragmentos filosóficos. Es precisamente a partir de fragmentos que la filosofía del primer romanticismo alemán se construye. Al hacer filosofía a través de los primeros fragmentos románticos alemanes están apuntando a este hecho ontológico importante: como sujetos de un discurso, somos movimiento, somos fragmentos, discontinuos y no lineares. Hay un diálogo claro con la filosofía de la Ilustración racional, pero más allá de este punto, el primer romanticismo alemán será un hito importante en la historia de la filosofía occidental con el desplazamiento en varias áreas.

**Palabras clave:** Romanticismo; Fragmento; Filosofía.

**Abstract:** The first German Romanticism breaks with the exaggerated rationalism, cultivated by the history of philosophy – from the Platonic philosophy the reason becomes increasingly valued – and shows that philosophy is always an exercise in thought, a testing laboratory. From this movement man will find himself immersed in uncertainty and supported only by philosophical fragments. It is precisely from fragments that the philosophy of the first German Romanticism is built. By doing philosophy through fragments, the first German romantic fragments are pointing to this important ontological fact: as subjects of a discourse, we are moving, we are fragmented, discontinuous and not linear. There is a clear dialogue with Enlightenment's rational philosophy, but beyond this point, the first German Romanticism will be an important milestone in the history of Western philosophy, unfolding in several areas.

**Keywords:** Romanticism; Fragment; Philosophy.

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), Brasil, com pesquisa financiada pela Fapesp (2015/16698-2). A autora possui livros, capítulos de livros e artigos publicados no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos. E-mail: [claudiasouzza@hotmail.com](mailto:claudiasouzza@hotmail.com)

O primeiro romantismo alemão aparece no cenário europeu no final do século XVIII. Essa marca temporal é interessante, porque o século XVIII era ainda o século do Iluminismo - um movimento cultural iniciado em França no século XVII e depois disseminado nos demais países europeus. O movimento iluminista teve como o eixo central a valorização da razão. A razão é, nessa época, considerada um importante suporte para o progresso humano, há uma ênfase exacerbada no potencial da razão. As suas luzes seriam capazes de iluminar de forma positiva a complexa vida humana. Nos âmbitos social, político e econômico, o movimento iluminista colaborou em demasia para a demolição de antigas estruturas. A Revolução Francesa é, de alguma forma, herdeira do movimento iluminista. O primeiro romantismo alemão colocará em xeque uma das principais premissas do movimento iluminista: a soberania da razão.

No livro *Dialética do esclarecimento* (1985), os filósofos Adorno e Horkheimer problematizam o lugar que a razão ocupa – lugar de destaque – no projeto do esclarecimento, inaugurado pelo movimento iluminista:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir pelo saber (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.19).

Nesse trecho, Adorno e Horkheimer descrevem como seria um mundo esclarecido. Um mundo moldado a partir do projeto de esclarecimento seria um mundo de desencanto, sem imaginação, sem mito, um mundo regido pelo suposto saber, um mundo de calamidade. O esgotamento do projeto do esclarecimento é a consequência da sua própria expansão. A razão que se pretende triunfal aponta para a sua fragilidade, como veremos adiante.

No que diz respeito à história da filosofia ocidental, o primeiro romantismo alemão dialoga principalmente com as filosofias de Kant e de Fichte. O sistema filosófico proposto por Kant através das três críticas provocou uma verdadeira mudança de perspectiva na filosofia. O sujeito transcendental passa a ser o centro das investigações filosóficas, não mais o objeto. Uma das grandes questões que atravessa a filosofia kantiana é uma questão epistemológica: O que é possível conhecer através da razão? A resposta a essa questão epistemológica se encontra na esfera ontológica: o homem é habitado por uma razão que não

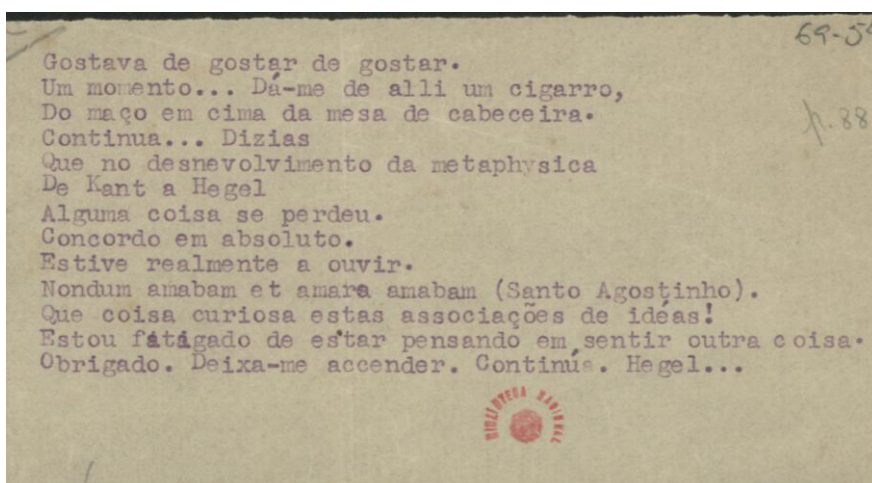
lhe fornece instrumentos suficientes para responder a todas as perguntas, ou seja, a capacidade de questionar é infinitamente superior à capacidade de responder. Ao problematizar os limites da razão, Kant acaba por evidenciar a insuficiência da razão para solucionar as questões metafísicas que permeiam a existência humana. O sistema filosófico kantiano anuncia, de certa forma, o fim do iluminismo. O movimento iluminista, que se inicia em França e se espalha pela Europa no século XVIII, tinha a razão como o motor do progresso humano, um progresso conquistado por uma via positivista e, de certa forma, mecanicista.

Fichte, filósofo que desenvolveu um pensamento original, foi também o continuador filosófico de Kant. Conheceu o mestre e apresentou-lhe um texto em 1791, intitulado *Ensaio de uma crítica de toda revelação*. O texto foi publicado em 1792 com o auxílio de Kant. Como Fichte optou por publicar esse texto sem a sua assinatura, ele foi então atribuído a Kant, que acabou por revelar o verdadeiro autor do ensaio. Esse fato revela a proximidade entre o pensamento de Kant e Fichte, pelo menos nesse primeiro momento da escrita filosófica fichteana. Fichte buscou um elemento comum às três críticas de Kant com o intuito de elevar a filosofia kantiana à categoria científica. Essa busca se generaliza no seguinte sentido: Fichte queria tornar a filosofia em uma ciência rigorosa e, para isso, teria que encontrar um princípio sólido para seu sistema filosófico. Esse princípio será o Eu, pois seria no ato originário do eu que se encontraria o princípio da filosofia de acordo com a filosofia fichteana. Então, foi em diálogo principalmente com essas duas filosofias, a kantiana e a fichteana, que o primeiro romantismo alemão irá erguer seus alicerces. Por um lado, tem-se um sistema filosófico que circunscreve a razão em um campo menor, uma vez que durante o movimento iluminista a razão exercia um papel triunfal. Seria ela a responsável pelo progresso da humanidade. A partir da filosofia kantiana, os limites da razão ganham contornos, não é possível se alcançar tudo através da razão, pois ela não é útil nem para responder a simples questões metafísicas. Por outro lado, Fichte enfatiza a importância do Eu enquanto princípio originário da filosofia, um Eu que não pode ser totalmente conhecido e nem compreendido, pois a razão não é capaz de fornecer todas as respostas sobre as múltiplas questões humanas.

O marco do primeiro romantismo alemão é a publicação da Revista *Athenäum*, em 1798, pelos irmãos Friedrich Schlegel e August Schlegel. O primeiro número da revista foi largamente ocupado pelos fragmentos de Novalis – um dos maiores nomes do romantismo alemão. É interessante perceber como aparecem pela primeira vez as ideias do primeiro romantismo alemão: através de fragmentos. O fragmento será a marca estilística deste

movimento filosófico e estético na Alemanha. Uma filosofia herdeira do pensamento kantiano, ciente dos limites da razão, e da filosofia de Fichte, centrada em um Eu, não poderia ser elaborada através de um grande sistema filosófico. Os irmãos Schlegel e Novalis constroem uma filosofia coerente com o movimento do pensamento: o ser humano pensa através de fragmentos.

Na história da filosofia ocidental, o romantismo é, muitas vezes, analisado como um movimento menor, entrecortado, e por isso é tão pouco estudado. A relação entre o movimento romântico e a potencialidade da razão é complexa: para os primeiros românticos, a razão é frágil para responder as muitas questões que permeiam o ser e potente em formular perguntas, o que causa uma permanente instabilidade no ser humano. Nada melhor para aplacar essa instabilidade do que um grande sistema filosófico, ainda que falho, e composto de forma artificial e não orgânica. Mergulhar na filosofia do primeiro romantismo alemão, por outro lado, é potencializar essa instabilidade, uma vez que os fragmentos apontam em diversas direções, abstendo-se, muitas vezes, de estabelecer uma verdade última e definitiva. Álvaro de Campos – heterônimo de Fernando Pessoa –, em sua poesia, marcou bem essa lacuna sobre o romantismo alemão enquanto referência filosófica ocidental:



“De Kant a Hegel/ Alguma coisa se perdeu” afirma o eu lírico no poema assinado por Álvaro de Campos. O que se perdeu entre Kant e Hegel foi justamente o movimento romântico alemão, que precisa ser retomado em toda a sua dimensão filosófica e estética. Esse poema dialoga com o movimento romântico alemão também devido à questão da reflexão:

“gostava de gostar de gostar”, como analisamos em outro trabalho<sup>2</sup>.

A partir do momento em que os limites da razão começaram a ser definidos na filosofia kantiana, um novo espaço se instaura. Se a razão não pode dar conta da existência humana, o que dará? A resposta virá com a filosofia e a estética do primeiro romantismo alemão. Para preencher as lacunas deixadas pelas luzes da razão, é preciso recorrer ao sonho, ao mito, à imaginação, ao fragmento, não mais à resposta completa, supostamente orgânica – a resposta à crise da razão foi escrita de forma fragmentada, valorizando justamente o fragmento e a outras dimensões do ser humano para além da razão.

Na história da filosofia ocidental, o romantismo ocupa um lugar modesto frente a todas as transformações que provocou, não somente no campo filosófico, mas também no campo estético e no campo das ciências do psiquismo humano – a psicanálise, por exemplo, é herdeira do romantismo. Certamente uma das razões para que o romantismo ocupe esse lugar singelo no estudo da história da filosofia – que não condiz com a sua potência estrutural – reside no fato de essa filosofia ter sido exposta principalmente através de fragmentos. Como mostramos, o marco inicial do primeiro romantismo alemão foi a publicação da Revista *Athenäum*, apresentando ao público novas ideias expressas através de fragmentos. Essa nova forma de fazer filosofia provoca uma verdadeira transformação no campo estético: o que importa não é mais a conclusão de uma obra de arte, mas sim o seu labor, o seu processo. Essa mudança estrutural só ocorre porque o primeiro romantismo alemão situa-se no período filosófico pós-kantiano, em que a razão não pode, nem deve almejar suprir tudo. As grandes conclusões já não servem mais, porque inerente a uma grande conclusão, a um sistema filosófico, ou a uma obra de arte finalizada há um processo, há uma atividade, há um movimento e é nessa direção que os românticos alemães apontam. E esse importante aspecto aponta já para certa consonância entre o fazer filosófico e o fazer artístico. Em ambas as construções – a filosófica e a artística –, há um processo de estruturação, um movimento, um jogo com a imaginação e com as palavras (no caso da obra artística literária, por exemplo, em prosa ou em poesia). Obviamente há limites que separam a literatura da filosofia, mas há também um encontro entre essas duas áreas do saber. E esse encontro ocorre justamente no fato de que ambas – filosofia e literatura – se edificam através de um discurso, de uma narrativa. Poderíamos dizer que o limite entre essas áreas se estabelece a partir do teor de cada

---

<sup>2</sup> No artigo *Novalis e Pessoa: lucidez poética e reflexão onírica*, de Márcio Suzuki e Cláudia Souza, esse assunto é tratado de forma pormenorizada. Cfr: SOUZA, Cláudia; SUZUKI, Márcio. “Novalis e Pessoa: lucidez poética e reflexão onírica”. *Revista Filosófica de Coimbra*, v.23, pp.9-26, 2015.

narrativa – uma conceitual e outra ficcional. Os limites, porém, entre realidade (topos onde o conceito se sustenta) e ficção também são tênues e sempre se alternam: a realidade, por vezes, cede à ficção; e a ficção, por vezes, cede à realidade.

Em um importante texto, August Schlegel faz uma crítica à pretensa certeza de solidez do sistema filosófico kantiano, que pode clarificar a respeito desta recusa do primeiro romantismo alemão em aceitar a obra, seja no campo filosófico ou estético, como algo organicamente conclusivo:

Observações gerais sobre o espírito dos escritos de Kant. O sistema de Kant não surgiu organicamente de uma só vez, e sim foi composto gradualmente de maneira mecânica. Por isso, vê-se nele tanta edificação morta, onde muitas vezes disciplinas estão inteiramente vazias e também muitas coisas faltam de modo completo, pois não se encontrou uma disciplina adequada que pudesse acolhê-las, sem que fosse evitada a confusão com tanto ordenamento e enxugamento. Aconteceu com Kant o mesmo que acontece com alguém que empreende construir um enorme edifício sem de início projetar todo o plano: ele então acrescenta aqui e ali um anexo e ora tem de sacrificar a simetria à utilidade, ora a essa ora àquela e, no fim, um pouco de cada uma (SCHLEGEL, 2014. p.72).

Nesse trecho, August Schlegel mostra que a suposta organicidade da obra kantiana é elaborada através do seu discurso filosófico. Utilizando a metáfora da construção de um enorme edifício, o filósofo aponta para partes do pensamento kantiano que são vazias, desprovidas de um significado filosófico, mas que precisam existir para sustentar o edifício da sua teoria. Isso significa que os grandes sistemas filosóficos como o de Kant, o de Hegel e de tantos outros não podem ser interpretados como verdades orgânicas, mas como construções de um pensamento, exercícios filosóficos que possuem, por um lado, o fascínio de um legado que poderia oferecer respostas objetivas ao homem, à realidade e a algumas perguntas difíceis, e, por outro lado, sendo construídos de linguagem, todos os sistemas filosóficos possuem falhas e, mais do que isso, são apenas tentativas de leituras do mundo, das grandes questões que inquietam o ser humano. Analisado a fundo, qualquer grande sistema filosófico possui “quartos vazios”, ou seja, discursos que servem apenas para alicerçar um discurso maior, mas que estruturalmente não têm valores de verdade em si.

Também Novalis reflete sobre o fascínio que os grandes sistemas provocam nos homens. Em um dos seus fragmentos, o filósofo alemão escreve:



Quanto mais bitolado é um sistema, tanto mais agradará aos homens do mundo. Assim o sistema dos materialistas, a doutrina de Helvétius e também de Locke obtiveram a aprovação da maioria entre essa classe. Assim Kant agora encontrará ainda sempre mais adeptos do que Fichte (NOVALIS, 2001. p.93).

Podemos interpretar a palavra “bitolado” como fechado, contínuo, ordenado, racionalista. Esse fragmento demonstra o bom conhecimento da filosofia kantiana e fichteana por parte de Novalis. O pensamento filosófico de Kant se fez sistema, um grande sistema racionalista. Já a filosofia de Fichte, para se constituir como sistema precisa do auxílio do leitor/estudioso. De acordo com o pensamento de Novalis, o sistema filosófico kantiano é de mais fácil acesso aos homens do mundo – pela sua estrutura linear e racionalista – do que o sistema fichteano que, a priori, não apresenta tais características.

De certa maneira, o trecho citado de August Schlegel e o fragmento de Novalis revelam uma faceta importante do pensamento romântico alemão: certa desconfiança em relação ao discurso filosófico aceito e desejável no Ocidente – um discurso linear, contínuo, ordenado. O primeiro romantismo alemão instaura uma reviravolta filosófica: o princípio da descontinuidade é agora a marca dessa nova filosofia, que se constrói, principalmente, a partir do fragmento. A relação entre filosofia e linguagem se altera. Se o fragmento apresenta a questão da tensão com o infinito, de certa forma também apresenta a sua completude, e essa é a proposta de fragmento defendida pelos primeiros românticos alemães no seguinte trecho da Revista *Athenäum*: “Um fragmento tem de ser como uma pequena obra de arte, totalmente separado do mundo circundante e perfeito e acabado em si mesmo como um porco-espinho” (SCHLEGEL, 1997, p.82). É interessante perceber nesse fragmento a relação entre filosofia e arte: o fragmento filosófico tem que ser como uma pequena obra de arte, ser perfeito e blindado do mundo exterior como um porco-espinho.

Se em um primeiro momento da filosofia ocidental o fragmento aparece de forma acidental – os textos dos filósofos pré-socráticos são conhecidos através de fragmentos –, o primeiro romantismo alemão elabora a sua filosofia propositalmente a partir dessa forma de escrita. No estudo introdutório da edição *Pólen*, de Novalis, o Professor R. R. Torres Filho explora justamente essa questão:

O discurso dos pré-socráticos foi reduzido a fragmentos pela erosão do tempo e as configurações da História. A escritura dos primeiros românticos alemães nasce já na forma de fragmento – produto, talvez, de uma erosão e conflagração no próprio

pensamento? (NOVALIS, 2001. p.11).

Texto filosófico e pensamento filosófico parecem estar finalmente de acordo: o modo humano de pensar é descontínuo e fragmentado por excelência, a inconstância é uma das marcas principais do ser. Ao fazer filosofia através de fragmentos, os primeiros românticos alemães apontam para esse importante fato ontológico: enquanto sujeitos de um discurso, somos movimento, somos compostos por pensamentos descontínuos e não lineares. O próprio Friedrich Schlegel se assumiu enquanto fragmento em uma carta endereçada a seu irmão August Schlegel, em 17 de Setembro de 1797, como mostra o Professor M. Suzuki em seu texto *A gênese do fragmento*: “De mim, de todo meu eu, não posso absolutamente dar uma outro *échantillon* [amostra] de um tal sistema de fragmentos, porque eu mesmo não sou um?” (SCHLEGEL, 1997. p.11).

É interessante perceber também que há diferença de tratamento entre esses dois momentos da história da filosofia nos quais o fragmento aparece enquanto forma discursiva do pensamento filosófico. A escrita pré-socrática, como aponta o Professor Torres Filho, foi reduzida a fragmentos devido à erosão do tempo, e esse fato não minimiza a potência desse pensamento filosófico. A filosofia pré-socrática ocupa um lugar honroso na história da filosofia. O mesmo não acontece com a filosofia romântica. Uma filosofia que nasce na forma de fragmento é, muitas vezes, criticada pelos estudiosos e filósofos que eventualmente defendem que os fragmentos românticos pertencem ao campo literário e não ao filosófico. A motivação dessa crítica parece ter relação com a necessidade de sistematização presente nos críticos da filosofia romântica, ainda um resquício do movimento iluminista, admirador da razão, da unidade, da organicidade, ainda que artificial.

O primeiro romantismo alemão rompe com o racionalismo exacerbado, cultivado pela história da filosofia – a partir da filosofia platônica, a razão passa a ser cada vez mais valorizada – e mostra que a filosofia é sempre um exercício de pensamento, um laboratório de experimentação. A partir desse movimento, o homem se encontrará mergulhado em incertezas e amparado apenas por fragmentos filosóficos. Neste ponto, podemos aproximar a filosofia da poesia, que também é um exercício de linguagem, revela também uma busca, um movimento. O primeiro romantismo alemão considera que o poeta é, de alguma forma, superior ao filósofo, pois o poeta não se encontra amarrado às teias da razão. E esse é um dos motivos pelos quais os primeiros românticos alemães defendem a aproximação entre filosofia e poesia. Em um poema datado em 13-09-1933, assinado por Fernando Pessoa, encontramos o resumo



dessa apresentação sobre o primeiro romantismo alemão:

Tudo que faço ou medito  
Fica sempre na metade.  
Querendo, quero o infinito.  
Fazendo, nada é verdade.

Que nojo de mim me fica  
Ao olhar para o que faço!  
Minha alma é lúcida e rica,  
E eu sou um mar de sargaço —

Um mar onde bóiam lentos  
Fragmentos de um mar de além...  
Vontades ou pensamentos?  
Não o sei e sei-o bem.  
(PESSOA, 1995. p.177).

Faz-se necessário sublinhar que o primeiro romantismo alemão, ao mesmo tempo em que instaura seu campo de imanência filosófico, questiona a forma de fazer filosofia. Nos fragmentos da Revista *Athenäeum*, encontram-se reflexões sobre o amor à sabedoria. E como as reflexões estão expostas em forma de fragmento, os românticos alemães apontam para um fato: o completo, o infinito e a totalidade sempre escapam ao ser humano, justamente por sua condição ontológica – incompleta, finita e fragmentada.

O primeiro romantismo alemão inaugura uma nova forma de filosofar – através de fragmentos – e também questiona o que é a filosofia – um conjunto de sistemas aparentemente orgânicos ou exercícios profundos de pensamentos. Assim, o fragmento filosófico que aponta para o infinito demonstra que o fazer filosófico está quase sempre mais próximo do questionamento do que das respostas últimas, definitivas.

**Referências bibliográficas**

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max (1985). *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

FICHTE, Johann G. (1980). *A doutrina-da-ciência e outros escritos*. Tradução e organização de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Abril.

NOVALIS, Friedrich von Hardenberg (2001). *Polén – Fragmentos, diálogos, monólogo*. Tradução, apresentação e notas de Rubens Rodrigues Torre Filho. São Paulo: Iluminuras.

PESSOA, Fernando. *Espólio*. Biblioteca Nacional de Portugal.

\_\_\_\_\_. (1995). *Poesias*. Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. Lisboa: Ática.

SCHLEGEL, August (2014). *Doutrina da arte – Cursos sobre literatura bela e arte*. Apresentação, tradução e notas de Marco Aurélio Werler. São Paulo: Edusp.

SCHLEGEL, Friedrich (1997). *O dialeto dos fragmentos*. Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras.

SOUZA, Cláudia; SUZUKI, Márcio (2015). “Novalis e Pessoa: lucidez poética e reflexão onírica”. *Revista Filosófica de Coimbra*, v.23, pp.9-26.